



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

AS MADEIRAS NA BAHIA ATLÂNTICA COLONIAL: USOS E SABERES (1780-1808).

João Paulo dos Santos Cerqueira¹; Rodrigo Osório Pereira²;

1. Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jpouverture@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ropereira@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Madeiras; Bahia; Colonial.

INTRODUÇÃO

A madeira no período pré-industrial ocupava um lugar, com os riscos da comparação, que hoje é do aço. Com a fibra lenhosa era possível produzir desde utensílios domésticos até grandes embarcações, além das mais diversas obras públicas e particulares. T tamanha importância mobilizou a botânica colonial através dos funcionários-naturalistas a serviço da coroa portuguesa. Esse trabalho visa mapear os usos e os saberes associados a essas madeiras na Bahia Atlântica no período entre 1780-1808. A Bahia Atlântica deve ser considerada entre a faixa de costa atlântica entre o Recôncavo baiano e a Vila de Ilhéus.

O uso de dados quantitativos para a análise histórica já é uma abordagem bastante difundida na historiografia, sendo o Transatlantic Slave Voyages Database um dos mais conhecidos databases que disponibilizou um instrumento analítico de base quantitativa para a análise historiográfica (KLEIN, 1999). Inspirado nesse monumental trabalho é que nos debruçamos sobre a documentação referente aos Reais Cortes de Madeira da Bahia Atlântica Colonial. A partir do disposto no plano de pesquisa: “estabelecer as relações entre a administração colonial para os cortes de madeira, os usos destinados às madeiras e os saberes sobre elas elaborados na Bahia Atlântica Colonial entre 1780 e 1808”, buscou-se construir um instrumento, uma tabela Excel, com as referências às fibras lenhosas na documentação da Bahia Atlântica, no período supracitado, a partir de uma documentação previamente selecionada.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A elaboração da tabela obedeceu a dois momentos diferentes no trata com as fontes. O primeiro é referente ao estabelecimento das categorias principais que a municiação e o segundo é relativo às novas possibilidades surgidas no decorrer de seu desenvolvimento. A sua construção objetivou perceber a relação entre os usos e saberes referentes às madeiras e como o tratamento dado a elas dialogava com um tipo de política administrativa sobre a colônia. Entretanto, a elaboração desse instrumento nos fez perceber ainda mais possibilidades para a discussão dos seus dados, seja do ponto de vista da reflexão sobre as plantas, mas também acerca dos documentos, dos autores, destinatários ou mesmo das tipologias de cada documento.

A leitura documental foi o passo inicial para o tabelamento dos dados, movimento em muito facilitado pelo fato de que o professor orientador dispunha dos documentos que seriam trabalhados. Nessa primeira leitura, separou-se os documentos em que haviam referências à espécies da flora para, posteriormente, analisá-los mais profundamente. Com esse trabalho, tivemos contato com o teor geral dos documentos, que devido à caligrafia e a falta de normatização gramatical impôs desafios a superar.

Ao longo da leitura dos documentos, nos deparamos com aproximadamente 446 referências a espécies de plantas, arbóreas ou não, sendo parte considerável referente a fibras lenhosas, totalizando 434. Em geral, essas espécies estavam inseridas na produção naval ou ao que surge na documentação a partir da categoria genérica de “madeira de construção”. Ao concluir essa primeira etapa, refizemos a leitura e passamos a inserir os dados na tabela.

No momento do segundo contato com os documentos, intercalamos entre leitura e inserção dos dados na tabela, nos quais coletamos as informações que compõem o banco de dados e estruturamos o instrumento. Embora a tabela passe pelo crivo de quem a constrói - e nesse sentido é impossível que o pesquisador não interfira nela - buscamos fazê-lo o mínimo possível. Com isso em mente, buscamos tratar as referências que aparecem na tabela do jeito mais próximo a como estava no documento. Obviamente, algumas adaptações foram necessárias, como é o caso do “pau brasil”, que aparece de variadas formas de registros, como pão brasil, pao brasil ou mesmo pau brasil.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O Pau Brasil foi a espécie que mais apareceu na documentação, contando com quase o dobro da segunda espécie mais citada. Esta árvore teve um total de 82 referências e

sobre elas as fontes informam que: Ilhéus foi um lugar onde era abundante e segundo DIAS (2007) já o era desde o século XVII, mas também poderia ser encontrada em Rio de Contas, Cairu, Rio Patipe, Belmonte, Porto Seguro, Rio doce, entre outros, sendo usada na construção de navios ou no que a documentação se refere de forma pouco específica com o nome de “madeira de construção”.

Depois do Pau Brasil, o Vinhático foi alvo da maior parte dos documentos sobre as matas, inclusive com informações mais descritivas sobre a árvore, tanto do ponto de vista dos saberes a ele concernentes, quantos aos usos atribuídos. Contabilizamos um total de 43 referências

O Vinhático era encontrado em Ilhéus, Jequiçá, Rio Una, Jequié, Caxoeiros, Rio Pado, Jequitinhonha, Belmonte e Funis. Usada em obras públicas, particulares e na construção de navios, assim como de mastros para estes, teve em seu processo de exploração o uso da mão de obra indígena, que desciam o rio sobre as toras;

Em seguida temos o Potumujú como a terceira espécie com mais referências (27). As informações disponibilizadas por Baltasar da Silva Lisboa dão conta da seguinte síntese:

. Era encontrada, entre outros lugares, nos arredores de Ilhéus, Jequiçá, Una, Jequié, Caxoeiros, Rio Pado, Jequitinhonha e Belmonte. Em detrimento da sua importância na construção naval conferida pela sua resistência, era uma espécie rara, o que torna as referências a ela ainda mais significativas, dado que não decorre meramente da sua abundância e sim da relevância para a indústria, tanto nas obras públicas quanto particulares. Além do que, das quatro madeiras que compunham as reservas reais (vinhático, potumujú, oiti e tapinhoã) duas, (vinhático e pomumujú) estavam entre as espécies que mais apareceram na tabela, o que também pode ajudar a explicar as suas recorrências.

A reconhecida raridade do potumujú em detrimento da sua recorrência na documentação confrontou uma das primeiras hipóteses que municiaram esse trabalho e lançou luz sobre outra possibilidade, mostrando que a recorrência de determinada espécie na documentação expressa mais o efeito de uma política referente aos cortes do que uma distribuição aleatória produzida pela natureza. Mas que isso, a própria política botânica lusitana foi municiada por interesses que dialogaram com o que a natureza dispunha, mas também buscou outras possibilidades de contornar os limites dos recursos naturais, como demonstra Pereira (2010) a legislação foi um dos mecanismos utilizados.

. Segundo DIAS (2010), oiti, potumujú, tapinhoã e vinhático eram as espécies que compunham as “reservas reais” e como apontamos acima, duas dessas espécies são as que aparecem com mais frequência na documentação analisada.

Ainda é possível notar através da tabela uma quarta espécie de alguma relevância na documentação selecionada dos Reais cortes, o jequitibá. Essa espécie apareceu um total de 18 vezes nos documentos; A sicuperamerim também teve importância na botânica colonial, pois na documentação encontramos 11 referências a esta planta, que poderia ser encontrada, sobretudo em Mapendipe; O Pau Óleo, por sua vez, conta com um total de nove referências. Seguindo temos o jethay com um total de 8 referências encontradas em Ilhéus, Já sobre a oiticica e jacarandá contamos com 6 referências cada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

De outro ponto, também identificamos um dos possíveis cortes a se fazer no que concerne a análise quantitativa referente as espécies vegetais, em que convém mais analisar os números do ponto de vista da importância, diretamente vinculada ao uso dado aos produtos das matas, do que necessariamente vincular a ocorrência na documentação a uma equivalência quantitativa no meio ambiente. Isso reforça o caráter social do trato com as matas, ou seja, o que importa, no fim das contas, não são necessariamente o que foi achado nas matas, mas o que significou mais para as pretensões hegemônicas das forças em conflito, gerando uma movimentação da “economia de privilégios”.

REFERÊNCIAS

1. CABRAL, Diogo de Carvalho; CESCO, Susana . Notas para uma história da exploração madeireira na Mata Atlântica do sul-sudeste. *Ambiente e Sociedade* (Campinas), v. 11, p. 33-48, 2008.
2. DIAS, Marcelo Henrique. A floresta mercantil: exploração madeireira na capitania de Ilhéus no século XVIII. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, nº 59, 2010.
3. DIAS, Marcelo Henrique. *Economia, Sociedade e Paisagens da Capitania e Comarca de Ilhéus no período Colonial*. Niterói, 2007. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense.
4. KLEIN, Herbert. American slavery in recent Brazilian scholarship, with emphasis on quantitative socio-economic studies. *Slavery & Abolition: A Journal of Slave and Post-Slave Studies*. Los Angeles: University of Southern California, v. 30, p. 111-133, 2009.

5. LISBOA, Baltasar da Silva. PRINCÍPIOS da física vegetal para servir de preliminar ao estudo dos cortes de madeiras. [S.l.] [S.d.]. 47 f. Original. Manuscrito.
6. PEREIRA, Rodrigo Osório. O império botânico: as políticas portuguesas para a flora da Bahia Atlântica Colonial (1768-1808). Feira de Santa: UEFS Editora, 2016.